

Discurso, ideologia e violência entre jovens de várias origens nacionais na Alemanha durante o processo de unificação

Arim Soares do Bem

Doutor em Sociologia pela Freie Universitaet Berlin (RFA)
e Mestre em Ciências da Comunicação – USP.

Coordenador e Professor do Programa de Pós-Graduação
em Sociologia e do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais – UFAL.

Maceió – AL [Brasil]
arimdobem@yahoo.com.br

Neste artigo, estuda-se o processo de constituição de identidade entre jovens alemães ocidentais, orientais e migrantes (nascidos em Berlim) antes, durante e após a unificação. Por meio de entrevistas realizadas entre 1989 e 1994, são analisados processos culturais de inclusão e de exclusão, ao lado de experiências dinâmicas e práticas discursivas durante o momento do chamado debate sobre o asilo político.

Palavras-chave: Meios de comunicação e violência na Alemanha. Transformação social e identidade. Unificação alemã.



1 Introdução

O trabalho que se apresenta é resultado de um longo processo de investigação realizada entre 1988 e 1994, em Berlim (RFA), como parte dos requisitos exigidos para o doutorado, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Livre de Berlim, concluído em 1997. A pesquisa empírica foi iniciada em agosto de 1988, em uma Escola Modelo, no bairro de Kreuzberg (Berlim Ocidental), que contava com um grande contingente de migrantes, principalmente oriundos da Turquia. Nessa escola, podia-se verificar uma interessante inversão, que também correspondia à configuração populacional do bairro: 70% dos estudantes eram oriundos de famílias migrantes, e a minoria, composta por alunos alemães, de ambos os sexos. A idéia de realizar a pesquisa nessa escola fascinou-nos, a princípio, por poder avaliar o alcance de seu projeto pedagógico, que colocava, naquele momento, em execução um modelo de “educação intercultural”.

Resultados parciais dessa investigação inicial foram postos à disposição dos leitores brasileiros por meio de uma publicação na revista *Educação e Sociedade* (SOARES DO BEM, 1993). No mesmo ano, publicamos, também em língua portuguesa, uma crítica à política de integração da segunda geração de estrangeiros na Alemanha (SOARES DO BEM, 1993, p. 91 - 107). Material desenvolvido a partir desse trabalho compôs ainda um dos capítulos do livro que publicamos em 2005, sob o título *A dialética do turismo sexual*, no qual analisamos aspectos históricos da Alemanha no período em que este país teve colônias na África (SOARES DO BEM, 2005). O trabalho completo foi publicado na Alemanha, em 1998, sob o título *Das Spiel der Identitäten in der Konstitution von Wir-Gruppen: Ost- und westdeutsche Jugendliche und in Berlin geborene Jugendliche ausländischer Herkunft im gesellschaftlichen Umbruch*.

Em 1989, enquanto nos encontrávamos pesquisando em campo, ocorreu a queda do muro de Berlim. Vimo-nos tentados a enfrentar o desafio de incluir também no processo da investigação, jovens da antiga Alemanha Oriental e assim procedemos, complementando-a, a partir de 1992, com jovens alemães orientais em uma escola no bairro berlinense de Lichtenberg, que contava na ocasião, com um grande contingente de jovens radicais de direita. A pesquisa foi concluída em 1994.

O título original do trabalho *jogo das identidades* foi inspirado em alguns textos de Stuart Hall (1994), em que analisa aspectos da identidade cul-

tural, no contexto da Inglaterra, sob o domínio de M. Thatcher. Nesses textos, Hall explicita a fragilidade de concepções essencialistas da identidade, em desenvolvimento, de fato, desde o Iluminismo, e que compreendem os sujeitos como contínuos, centrados e idênticos a si mesmos. Ele considera que, em virtude de processos de transformações globais e de inúmeros fatores a eles relacionados, estamos diante de uma crise de identidade, a partir da qual os sujeitos não têm mais um posicionamento estável no mundo.

As identidades são, nas sociedades contemporâneas, marcadas por descontinuidades, fragmentações e submetidas a permanentes cisões e antagonismos. É neste sentido que Hall (1994) as considera um “sólido em movimento” (*ein bewegliches Fest*). Ele observa a composição híbrida na construção de elementos culturais no Caribe pós-colonial, região de sua origem, e demonstra que foi exatamente a inexistência de uma rígida demarcação nas concepções identitárias e o próprio processo de desenraizamento que permitiram a construção da identidade “crioula”. A constatação de que para os povos colonizados, desde o início, um confronto com a diferença fora inevitável e que estes não podiam sequer recorrer a qualquer noção de homogeneidade, demonstra-se funcional para a construção da identidade de migrantes na diáspora, impedindo que se submetam a uma concepção fechada e marcada por relações de poder. No lugar dessa combinação binária e polarizada, Hall introduz no debate o conceito de “tradução”: “Indivíduos que pertencem a tais culturas híbridas deveriam abdicar do sonho de poder redescobrir qualquer pureza cultural perdida ou qualquer absolutismo étnico. Eles são irreversivelmente ‘tradutores’.” (1994, p. 184, tradução nossa).

2 Conceitos fundamentais na operacionalização da pesquisa: “penetração”, “limitação”, “desimportantização” e “deslocamento”

Dois conceitos centrais perpassaram todo o processo de investigação: penetração (*Durchdringung*) e limitação (*Beschränkung*). Esses conceitos foram desenvolvidos e aplicados por Paul Willis (1982) em seu estudo sobre a perspectiva de vida de jovens masculinos residentes em uma cidade industrial inglesa. Willis demonstrou como esses jovens da classe trabalhadora, por sua resistência

contra aquilo que identificavam como exigências alienadas e promessas de realização, que julgavam bastante improváveis (como, por exemplo, a ascensão social), impostas a eles pela escola por meio do discurso da mobilidade social, acabavam condenados a permanecer imobilizados em suas posições de classe. A auto-identificação desses jovens com o processo de trabalho não-qualificado decorria, entre outros fatores, de um projeto de identidade ancorado na cultura da classe trabalhadora a que pertenciam e que mensurava como superior a corporalidade masculina, inscrita no processo de trabalho fabril contra as profissões típicas da classe média, por eles consideradas “efeminadas” (SOARES DO BEM, 1998, p. 3). Evidenciou-se que o modelo interpretativo desses jovens fora extraído da cultura dos trabalhadores, fornecendo os critérios subjetivos para as transposições culturais, pelas quais suas precárias chances, em um mercado de trabalho bastante saturado, pareciam-lhes não apenas suportáveis, como também resultado de suas próprias escolhas e autodeterminação.

O conceito de “penetração” (*Durchdringung*) é o impulso para a apropriação cognitiva das condições de existência, enquanto o de “limitação” (*Beschränkung*) descreve os bloqueios que impedem a realização do primeiro. Na estrutura subjetiva básica de todo indivíduo, encontram-se tanto formas de elaboração reducionistas quanto aquelas que induzem à tematização das relações sociais. Essa distinção é somente operacional, uma vez que ambas as formas coexistem, no mais das vezes, e podem, como demonstramos, adquirir as formas mais contraditórias¹. Nesse sentido, Willis desenvolveu mais dois conceitos específicos que dão suporte à compreensão das transposições operadas entre os conceitos de “penetração” e “limitação”, notadamente os de “desimportantização” (*Entwichtungung*)² e “deslocamento” (*Verrueckung*). Os conceitos de “desimportantização” e “deslocamento” são igualmente interdependentes como os de “penetração” e “limitação” e descrevem, além disso, a continuidade existente num mesmo processo de representação. No momento em que ocorre uma perda de força (de importância) da representação no processo de “penetração” crítica das relações sociais, estamos diante de uma “desimportantização”, que significa, ao mesmo tempo, um “deslocamento” e, portanto, uma capitulação do potencial crítico.

Os quatro conceitos acima descritos foram primordiais para a avaliação dos modos de representação da realidade entre todos os jovens entrevistados. Constatamos que o quadro social

(*Gesellschaftsbild*) fortemente ancorado na cultura política e nas práticas cotidianas da Alemanha, marcado por uma fortíssima separação étnica, desempenhou um papel central nas argumentações dos jovens entrevistados. A tendência “deslocadora” da ideologia coloca “algo novo” no sistema local de argumentações e na busca de soluções para os conflitos resultantes de processos culturais dos jovens. No caso de nossa investigação, esse “algo novo” refletiu as formas institucionalizadas de soluções de conflitos, que foram apropriadas pelos jovens e “ocupadas” a partir da lógica étnica (etnicismo). Os elementos ideológicos das justificativas e transposições etnicistas estão tão fortemente ancorados no “quadro social” (*Gesellschaftsbild*) e nas orientações cotidianas da Alemanha, que produzem efeitos “limitadores” mesmo nas tentativas de “penetração” crítica das relações sociais, deslocando-as e cooptando-as.

É interessante observar que a pesquisa realizada por Bielefeld entre jovens migrantes na Alemanha constatou a existência da mesma forma de “resistência cooptada” (BIELEFELD, 1984, p. 563-590). Saliente-se que, nesse caso, a resistência se volta contra aqueles que a praticam, os quais contribuem, ironicamente, para a reprodução da estrutura social que desejam de fato negar (SOARES DO BEM, 1992, p. 79 – 84). Essas formas de transposição foram também centrais em todas as entrevistas que realizamos com os jovens alemães ocidentais, orientais e com aqueles oriundos de famílias estrangeiras nascidos em Berlim e têm implicações cruciais para o debate sobre a ideologia.

3 Identidade e ideologia entre jovens alemães “ocidentais” e jovens oriundos de famílias migrantes

As entrevistas demonstraram que os jovens alemães (de ambos os sexos) não conseguiram, no nível do discurso, livrar-se dos clichês nacionalistas que dominavam o espaço sociocultural da sociedade mais ampla, embora estivessem recebendo influências positivas do modelo de educação intercultural posto em execução pela Escola Modelo do bairro de Kreuzberg. Apesar disso, pudemos verificar que o projeto pedagógico da referida escola acentuava demasiadamente a situação deficitária de muitos alunos “estrangeiros” e para a concretização de seu trabalho tratava de diversas instâncias fundamentais – família, bairro e os grupos informais – como instâncias a-históricas, silenciando-se

também diante de questões econômicas, políticas e ideológicas. Ao tratar os “estrangeiros” como os verdadeiros problemas, restava, tão-somente para tal concepção, a execução de “medidas pedagógicas”, com a finalidade de “salvá-los” (SOARES DO BEM, 1993, p. 101).

Além dos aspectos apontados, outro problema identificado foi a fixação da concepção pedagógica da Escola Modelo na “diferença”, fazendo-a cristalizar-se como eixo central a partir do qual se davam as orientações para a ação entre os jovens (SOARES DO BEM, 1993, p. 97). Por essa razão, as formas de argumentações etnicistas fizeram-se também presentes nos discursos dos jovens oriundos de famílias migrantes. Apesar do esforço dos jovens alemães e “estrangeiros” em “penetrarem” criticamente as relações sociais, eles acabavam por argumentar de modo reducionista sempre que esbarravam nas codificações institucionalizadas sobre a complexa relação interétnica, de modo que não conseguiam compreender as semelhanças estruturais de fato existentes. Apesar da criação de uma consciência positiva para as diferenças culturais na prática pedagógica da Escola Modelo, os jovens alemães e “estrangeiros” não tiveram a oportunidade de desenvolver uma consciência ativa para as semelhanças estruturais (idêntica posição na hierarquia social), refinando seus sentidos para a percepção das desigualdades institucionalizadas e para a rejeição das injustiças sociais (SOARES DO BEM, 1993, p. 108).

De modo semelhante ao que fora detectado por Paul Willis em sua investigação na Inglaterra, pudemos identificar, na pesquisa alemã, que revoltas podem adquirir, às vezes, perigosas formas, mas não no sentido de levar as classes dominantes a temê-las, e sim porque essas revoltas podem, em situações específicas, fortalecer ainda mais as estruturas que desejam de fato explodir. Esse foi um aspecto central numa série de entrevistas realizadas em conjunto com dois jovens: o alemão Alex e o berlinense de origem turca Erhan (SOARES DO BEM, 1992, p. 79-84). Se Alex denunciava, nas entrevistas anteriores à queda do muro, a existência de “falsos turcos” (ou seja, aqueles que não se identificavam com a ordem, como os que viviam ilegalmente no país ou não pagavam impostos), em entrevistas gravadas posteriormente a esse evento, sua oposição passou a dirigir-se contra os nazistas. Verificamos que antes da queda do muro, em virtude de vários fatores que bloqueavam a unidade e a solidariedade, além da meramente humanitária, dos alemães em relação aos “estrangeiros”, após a queda do muro surgiram novos “inimigos”, levando

à construção de alianças entre os dois grupos, que se sentiam ameaçados em virtude das inúmeras mudanças na ocupação do espaço e também nos mercados de trabalho e imobiliário. Nesse sentido, Alex passou a se manifestar solidário com a população de “estrangeiros” na forma de ameaças contra os nazistas. Simultaneamente, passou a projetar seu ódio contra os alemães orientais, pejorativamente chamados de “Ossis”, e por ele identificados, em várias passagens, como sendo os próprios nazistas (SOARES DO BEM, 1992, p. 80).

O discurso de Alex foi, de fato, perpassado por essa polaridade. Atrás de suas argumentações, ocultava-se o medo diante da crescente concorrência no mercado de trabalho; por essa razão, a identificação dos nazistas como sendo os alemães orientais desempenhava a função de atribuir aos “novos concorrentes” uma forma negativa, justificando a sua exclusão. Os concorrentes transformavam-se, assim, em inimigos que significavam, ao mesmo tempo, uma ameaça para todos os membros da sociedade. Organizava-se aí uma transubstanciação de sentido, uma vez que na sociedade capitalista a concorrência expressa um momento legítimo na luta pela sobrevivência. Os concorrentes precisavam ser transformados em “ilegítimos feridores de regras” (*illegitime Regelverletzer*) (HOFFMANN; EVEN, 1984, p. 172), ou seja, em inimigos, para que se pudesse estabilizar a enorme insegurança por eles provocada. Na medida em que Alex transformava os alemães orientais (*Ossis*) em instrumentos para solucionar as contradições existentes, tornava-se bastante difusa sua percepção da realidade. Se, em um momento da entrevista, afirmava que os alemães orientais “roubavam” os espaços de trabalho em Berlim Ocidental – o que de fato traduzia uma experiência real por ele vivida –, em outro, asseverava que os alemães orientais preferiam obter atestados falsos de doença para não terem que trabalhar, enquanto os ocidentais tinham de fazê-lo e pagar impostos para sustentá-los (SOARES DO BEM, 1992, p.91).

Outro aspecto importante registrado nas entrevistas com Alex foi a relação entre masculinidade e violência. É interessante observar que a força da masculinidade adquiria mesmo um caráter de superioridade étnica nos argumentos de Alex, quando ele afirmava, por exemplo, que os estrangeiros projetavam sua ira contra pessoas mais jovens ou mais frágeis por terem medo de enfrentar os nazistas, diferentemente dele, que não os temia. Ressalte-se que a corporalidade transformava-se numa forma de apropriação e de adaptação à realidade, uma vez que servia para a resistência contra a subalternidade³ e,

ao mesmo tempo, para integrar ou fixar esses jovens da classe trabalhadora em um mundo marcado pelo trabalho não-qualificado, condenando-os à imobilidade social. Nesse sentido, Alex participava, com as próprias mãos, de sua prática de normalização (*Normalisierungspraxis*) (HAUG, 1984, p. 250). Ao construir um quadro negativo (*Negativbild*), do qual se distanciava ao mesmo tempo em que o projetava sobre os excluídos ("*Kreuzberg* nos pertence!"), Alex integrava-se a um sistema de regras que o condenava a relações alienadas, transformando-se em seu próprio inimigo.

Após a queda do muro de Berlim, os nazistas foram, por Alex, transformados na causa de todos os problemas, assim como antes da queda do muro o problema eram os turcos que não se adaptavam à ordem. Para ele, esses turcos desviantes deveriam ser expulsos, e os nazistas, enviados para a câmara de gás. A solução que ele sugeria para os conflitos reais que vivia não se diferenciava em nada daquela encontrada pelos próprios nazistas. O que se articulava como oposição a eles transformava-se, em decorrência dos meios totalitários para a sua execução, em seu oposto. Os elementos constituintes do inimigo acabavam por construir a identidade do próprio opositor.

4 A luta por integração e a aceitação da violência contra estrangeiros entre jovens alemães orientais

Os jovens da antiga Alemanha Oriental demonstraram, em todas as entrevistas realizadas, a necessidade do desenvolvimento de um novo desempenho para a síntese das experiências sociais, fundamentais à integração de suas identidades sociais e pessoais, uma vez que foram socializados para um modelo de sociedade que desapareceu com as mudanças ocorridas em novembro de 1989. A partir de então, tiveram de adaptar-se à realidade do sistema de trabalho assalariado numa estrutura de mercado altamente competitivo. O universo ideológico desses jovens não era mais marcado por uma linha programática estatal e pelo simbolismo característico do socialismo, tal qual vivenciado na República Democrática Alemã, mas por diferentes posições discursivas inscritas no interdiscurso social.

O clima das entrevistas foi marcado pelo acirrado debate sobre o asilo político, que dominou o espaço mediático entre 1991 e 1994. Os meios de comunicação acentuavam, sobremaneira, os perigos

de um crescente abuso da legislação por parte dos inúmeros exilados, enquanto o Estado era hipostasiado como uma instância que proporcionava excessivo bem-estar social a esse segmento. Foi um período de extrema violência contra estrangeiros, praticada preponderantemente por jovens do sexo masculino, e que refletia um grande consenso de parte considerável da população naquele momento de grande instabilidade socioeconômica e política. Esse clima foi reforçado pelos dirigentes políticos com as restrições adicionadas à legislação no verão de 1992.

As entrevistas evidenciaram que os jovens socializados na antiga Alemanha Oriental não tinham internalizado as típicas regras que transformavam os temas sobre o racismo em um grande tabu, como era característico entre os jovens alemães ocidentais. Na luta por integração numa sociedade que afirmava o seu pertencimento e, ao mesmo tempo, os excluía, principalmente na esfera do mercado, esses jovens declaravam-se abertamente contrários à presença de estrangeiros, os quais, segundo eles, estavam situados em segundo lugar na hierarquia social, após os alemães ocidentais, enquanto eles próprios situavam-se em terceiro. Nesse sentido, apelavam para o pertencimento sanguíneo para forjar mecanismos supostamente favoráveis à sua integração e, com isso, demonstravam-se tolerantes diante da violência que grassava contra estrangeiros, para pressionar o Estado a reconhecer suas demandas por integração. Evidenciou-se que representações radicais de direita fundiam-se com formas antigas de resistência contra o regime socialista. A pesquisa identificou também que os jovens da antiga Alemanha Oriental dispunham de uma capacidade de articulação mais ampla do que os alemães ocidentais, embora estivessem enredados em inúmeros problemas de integração e de desenvolvimento de projetos identitários capazes de dar-lhes alguma estabilidade psico-social, num contexto marcado por gigantescas transformações, que os atingiam diretamente.

5 Considerações finais

A investigação em pauta concentrou-se nos temas das práticas de inclusão e de exclusão relacionados aos migrantes na República Federal Alemã, analisando também a relação entre os gêneros e a complexa articulação das representações relacionadas ao pertencimento à identidade alemã entre jovens alemães ocidentais e orientais. O trabalho

explorou, portanto, o complexo e contraditório processo de busca e construção identitária entre os três grupos de jovens no contexto da Alemanha, antes, durante e após a unificação. Detectou o caráter flexível da construção de inimigos como o mecanismo central na construção da identidade individual e grupal dos jovens entrevistados, num contexto em que as próprias fronteiras se haviam tornado fluidas e se encontravam em processo de ressignificação.

Os efeitos dos meios de comunicação de massa sobre os processos de construção de identidades no interdiscurso social tornaram-se visíveis com relação à aceitação da violência contra migrantes por parte de jovens alemães orientais e ocidentais, principalmente entre os primeiros, considerados seus esforços por uma irrestrita e rápida integração ao cenário da Alemanha (re)unificada. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa podem ser compreendidos como instituições complementares de dominação política, uma vez que tornaram discursivamente visíveis os processos que marcaram o acirrado debate sobre o asilo político e, com isso, contribuíram para reforçar e estabilizar consensos sociais. Os permanentes e histéricos noticiários sobre os acontecimentos, que puseram em foco a violência física praticada diariamente contra “estrangeiros”, de 1992 a 1994, fizeram circular valores e imagens que encontraram enorme receptividade entre jovens alemães orientais e ocidentais, cuja experiência cotidiana era marcada por crescente processo de desintegração. Diante da ausência de autênticos canais para articulação de interesses, de “baixo” para “cima”, esses jovens permaneceram enredados e imobilizados diante da possibilidade de reclamar seus reais direitos à integração. As escassas alternativas em seu espaço de articulação é que os levaram a supor que apenas por meio da violência poderiam influenciar as esferas políticas institucionais. Essa suposição tornava-se cada vez mais confirmada à medida que os setores progressistas iam denunciando a lenta ação da polícia e do corpo de bombeiros para apagar os incêndios nas residências e nos “containers” onde se alojavam as vítimas dos ataques. Entre eles surgia, pois, o sentimento de que a “política” reagia de modo desejável às suas expectativas somente após a prática da violência – o que, aliás, se confirmou posteriormente com a inclusão de cláusulas restritivas na legislação sobre o asilo político.

Para o debate sobre a ideologia, o trabalho contribuiu, sobremaneira, ao rejeitar, após sistemática e minudente avaliação do material coletado, que os efeitos ideológicos não se manifestam apenas

na orientação para o “Valor” (*Wert*) como expressão da fuga do “Interesse”. Tradicionalmente, a fuga do “Interesse” era interpretada como reestruturação das expressões do “Interesse” (*Interessenausdruecken*) por meio dos aparelhos ideológicos, os quais, em sua função primordial de organizar o consenso, fariam o “Interesse” desaparecer, transformando-os em “Valores Ideológicos” (*ideologische Werte*). Nossa investigação detectou um quadro bem mais complexo. Efeitos ideológicos não são meras expressões da fuga do “Interesse” e conseqüente adesão a “Valores Ideológicos”, mas produto de inúmeras transposições. Entre os três grupos entrevistados foi justamente a perseguição do “Interesse” a força motriz para o seu enredamento em formas de socialização alienadas. Isso nos leva a crer que o debate sobre a ideologia precisa urgentemente entender os mecanismos de cooptação de inúmeros potenciais e impulsos críticos, que são neutralizados e refuncionalizados para a estabilização do conformismo e de relações de dominação. Essa tarefa passa, evidentemente, por uma análise multifatorial das formas imprevisas e contraditórias da cultura nas sociedades contemporâneas.

Discourse, ideology and violence between young people of different nationalities in Germany during the unification process

The thematic focus of this paper is the process of constitution of identity between East and West German youth and young people of foreign origin who were born in Berlin before, during and after the unification. Interviews achieved between 1989 and 1994 were made to analyze the cultural processes of inclusion and exclusion, beyond experiences, dynamics and discursive practices during the moment of the “asylum debate”.

Key words: German unification. Mass media and violence in Germany. Social transformation and identity.

Notas

- 1 De modo semelhante a Willis, Bents, Juelich e Oechsle utilizam os conceitos de “tematização” e “redução”. 1984, p. 100-117.
- 2 Somos forçados a criar este neologismo para tentar alcançar o sentido original da palavra “Entwichtigung”, que passou a circular no debate encetado por Willis no

contexto da Alemanha, por meio da publicação de suas obras. Não nos escapa o fato de se tratar de uma tradução precária, mas que adverte, de todo o modo, para uma "perda da importância" atribuída aos entrevistados a temas e práticas relevantes para a construção de sua identidade.

- 3 Becker, Helmut und Michael, May. Unterschiedliche soziale Milieus von Jugendlichen in ihrer Konstitution von Sozialraeumen – Zur Entwicklung einer dialektisch-materalistischen Perspektive innerhalb der sozialoekologischen Jugendforschung. In: *Verborgten im Licht. Neues zur Jugendfrag.* Lindner, Rolf und Hans-Herrmann Wiebe (Hrsg.). Frankfurt/M: Syndikat, 1986, p. 170.

Referências

BECKER, H.; MICHAEL, M. Unterschiedliche soziale Milieus von Jugendlichen in ihrer Konstitution von Sozialraeumen – Zur Entwicklung einer dialektisch-materalistischen Perspektive innerhalb der sozialoekologischen Jugendforschung. In: *Verborgten im Licht.* Neues zur Jugendfrag. LINDNER, R.; HANS-HERRMANN, W. (Hrsg.). Frankfurt/M: Syndikat, 1985.

BENTS, H.; JUELICH, D.; OECHSLE, M. Thematisierung und Reduktion als Grundstrukturen subjektiver Verarbeitung. In: ZOLL, R. (Hrsg.). *Hauptsache, ich habe meine Arbeit.* Frankfurt/M: Surhkamp, 1984.

BIELEFELD, U. Sozialerfahrung und ihre Verarbeitung – Arbeit, Arbeitslosigkeit und Nichtarbeit junger Auslaender. *Schweizerische Zeitschrift fuer Soziologie* Nr. 1, vol. 10, 1984.

HALL, S. Rassismus und kulturelle Identitaet. *Ausgewaehlte Schriften* 2. Hamburg/Berlin: Argument Verlag, 1994.

HAUG, W. F. Antisemitismus aus marxistischer Sicht. In: STRAUSS, H. A.; KAMPE, N. (Hrsg.). *Antisemitismus.* Bonn: Bundeszentrale fuer politische Bildung, 1984.

HOFFMANN, L.; EVEN, H. *Soziologie der Auslaenderfeindlichkeit.* Basel: Weinheim, 1984. p. 172.

SOARES DO BEM, A. Kreuzberger Jugendliche zwischen Revolte und Autoritarismus. *Das Argument. Zeitschrift fuer Philosophie und Sozialwissenschaften*, Nr. 191. Hamburg/Berlin: Argument Verlag, 1992.

_____. Educação e reprodução do racismo: as armadilhas dos modelos "alternativos". *Revista Educação e Sociedade*, Campinas: Papyrus, n. 44, 1993.

_____. Para uma crítica da política de integração da segunda geração de estrangeiros na Alemanha. *Revista Comunicação & Política na América Latina*, São Paulo, Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, n. 17, 1993.

_____. Das Spiel der Identitaeten in der Konstitution von Wir-Gruppen: Ost- und westdeutsche Jugendliche und in Berlin geborene Jugendliche auslaendischer Herkunft im gesellschaftlichen Umbruch. Frankfurt/M; Berlin; Bern; New York; Paris; Wien: Peter Lang, 1998.

_____. A dialética do turismo sexual. Campinas: Papyrus, 2005.

WILLIS, P. *Der Spass am Widerstand.* Frankfurt/M: Syndikat, 1982.

WITZEL, A. Das problemzentrierte Interview. In: JUETTERMANN, G. (Hrsg.). *Qualitative Forschung in der Psychologie.* Weinheim: Beltz, 1985.

recebido em 10 abr. 2008 / aprovado em 30 maio 2008

Para referenciar este texto:

SOARES DO BEM, A. Discurso, ideologia e violência entre jovens de várias origens nacionais na Alemanha durante o processo de unificação. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 39-45, 2008.

